



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

KAMYLLA CHESMA RODRIGUES FELIX

**HISTERIA: DOENÇA OU EXPRESSÃO DA SENSUALIDADE FEMININA
SEQUESTRADA? O CASO DAS FOTOGRAFIAS DE CHARCOT.**

CAMPINA GRANDE

- 2011 –

KAMYLLA CHESMA RODRIGUES FELIX

**HISTERIA: DOENÇA OU EXPRESSÃO DA SENSUALIDADE FEMININA
SEQUESTRADA? O CASO DAS FOTOGRAFIAS DE CHARCOT.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Psicologia da Universidade Estadual
da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr^o. Edmundo de Oliveira Gaudêncio.

CAMPINA GRANDE

- 2011 -

F316h Felix, Kamylla Chesma Rodrigues.

Histeria [manuscrito]: doença ou expressão da sensualidade feminina sequestrada? O caso das fotografias de charcot / Kamylla Chesma Rodrigues Felix. – 2011.

27 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio, Departamento de Psicologia”.

1. Histeria. 2. Crise histérica. 3. Transtornos mentais.
I. Título.

21. ed. CDD 616.852 4


**HISTERIA: DOENÇA OU EXPRESSÃO DA SENSUALIDADE FEMININA
SEQUESTRADA? O CASO DAS FOTOGRAFIAS DE CHARCOT.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Psicologia da Universidade Estadual
da Paraíba, em cumprimento
da exigência para obtenção do grau de
Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Aprovada em 02/12/2011



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB
Orientador



Prof.ª Dr.ª Jailma Souto Oliveira da Silva / UEPB
Examinadora



Prof. Mestre Jorge Dellane da Silva Brito / UEPB
Examinador

HISTERIA: DOENÇA OU EXPRESSÃO DA SENSUALIDADE FEMININA SEQUESTRADA? O CASO DAS FOTOGRAFIAS DE CHARCOT

HYSTERIA: DISEASE OF EXPRESSION OR FEMALE SENSUALITY KIDNAPPED? THE CASE OF PHOTOGRAPHS OF CHARCOT

FELIX, Kamylla Chesma Rodrigues¹

RESUMO:

Jean-Martin Charcot, em seus estudos sobre a histeria no Hospital de La Salpêtrière, produziu um acervo iconográfico das mulheres em crises histéricas. O que ele conseguiu registrar em grande medida foram as atitudes passionais em que estas se encontravam. Aqui, propusemo-nos a fazer a análise de algumas dessas fotos, tendo como método a hermenêutica de Paul Ricoeur, que consiste fundamentalmente em interpretar, com vistas a extrair um sentido daquilo que se deseja compreender. Ademais, a partir da revisão bibliográfica acerca da história social da histeria e dos usos sociais da fotografia, percebemos que a histeria sempre existiu, mesmo antes de Cristo, porém, tinha as mais variadas denominações, causas e tratamentos. Sobre a fotografia, reconhecemos a possibilidade de deturpação a que esta está sujeita, porém, por compreender que as falsificações são passíveis a todo e qualquer documento, decidimos fazer uso desse recurso com a finalidade de responder à questão enunciada no título do presente trabalho. Concluimos, pois, que se em pleno século XIX, na era vitoriana, onde as burguesas desfilavam com seus vestidos e apetrechos pesados, cobrindo assim todo o corpo, as histéricas mostravam expressões de sensualidade muito próximas das permitidas às prostitutas, não seria a histeria uma doença – como era tratada – e sim uma expressão da sensualidade feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Histeria; Fotografia; Charcot.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

ABSTRACT:

Jean-Martin Charcot, in his studies on hysteria at the Salpêtrière Hospital, produced an iconographic collection of women in hysterics. What he managed to record a large extent were attitudes passionate they were. Here, we set out to do the analysis of some of these photos; the method hermeneutics of Paul Ricoeur, which consists mainly in interpreting, in order to make sense of what you want to understand. Moreover, from the literature review about the social history of hysteria and social uses of photography, we see that hysteria has always existed, even before Christ, however, had the most varied denominations, causes and treatments. About the photograph, we recognize the possibility of distortion to which it is subject, however, to understand that the fakes are subject to any document, we decided to use this feature in order to answer the question stated in the title of this work. Therefore we conclude that in the nineteenth century, the Victorian era, where the bourgeois paraded with their dresses and heavy gear, thus covering the entire body, showing the hysterical expressions of sensuality too close to the allowed prostitutes would not be a hysteria disease - how it was handled - but an expression of female sensuality, which could be expressed, even if it was treated as a disease.

Keywords: Hysteria; Photography; Charcot.

1. INTRODUÇÃO:

A histeria, hoje encarada pela clínica psicanalítica enquanto estrutura, há muito foi motivo de piada e desprezo. Ao longo dos séculos, por ser encontrada com demasiada frequência em mulheres, tornou-se uma “doença” tipicamente feminina, vez que o próprio nome “histeria” vem do termo “útero”. Como o próprio título deste artigo prenuncia, propusemo-nos a fazer uma relação entre a histeria, o universo feminino, a sensualidade feminina e as fotografias tiradas por Charcot das mulheres em crises históricas no Hospital de La Salpêtrière.

É de fundamental importância mencionar o fato de que a histeria não é uma exclusividade nem das mulheres, nem do século XIX. Segundo Charcot (apud QUINET, 2005) ela sempre existiu, desde o Antigo Egito, Embora sempre vista como atrelada a afecções uterinas. Tais afecções variavam entre o deslocamento, o sufoco

e até a produção de vapores ocorrida no útero que subiam ao cérebro provocando efeitos indesejáveis às mulheres. Supunha-se que, a histeria era prioridade daquelas que não mantinham relações sexuais com frequência, então, a solução proposta pelos teóricos e médicos de cada época ora passava pela necessidade do ato sexual propriamente dito, ora dizia respeito ao excesso de masturbação.

Foi em busca de respostas ao enigma da histeria que Sigmund Freud (1856-1938, apud QUINET, 2005) – Pai da Psicanálise – chegou ao conceito de “Inconsciente”. Isso se deu pelo fato de, inicialmente, as mulheres histéricas declararem ter sido vítimas de abuso sexual por parte de seus pais. Nesse momento, Freud criou a “Teoria da Sedução” vez que, como o próprio nome sugere, os sintomas histéricos seriam produtos de uma sedução ocorrida no real. Porém, adiante, Freud chega à conclusão de que a ideia de sedução por parte do pai era precipitada, pois ele não poderia acreditar que todos os pais das histéricas eram perversos. Com muito esforço, ao lembrar-se de que ele mesmo, durante a infância, tinha imaginado que havia sido “seduzido” por sua mãe, recorda-se a posteriori que tal fato não aconteceu como ele imaginava, e sim, como ele talvez houvesse desejado. Ou seja, a sedução era decorrente da fantasia, que deveria permanecer adormecida, recalcada, mas, como sabemos hoje, o recalque não é um mecanismo de defesa totalmente eficiente, permitindo que a lembrança venha à tona e cause desconforto no nível Consciente.

Causando desconforto no nível Consciente, surge o sintoma, como uma solução de compromisso entre os níveis Consciente e Inconsciente. No caso da histeria, Freud chamou de “Histeria de Conversão”, uma vez que há um deslocamento do desconforto psíquico para um desconforto no corpo (QUINET, 2005). No grande ataque epileptoide, nas representações em desenho feitas por Charcot das mulheres em La Salpêtrière, é notável o “padecimento” do corpo, que aparece contorcido, em forma de arco, com grande expressão de força e dor. Por outro lado, as fotos das mulheres histéricas em atitudes passionais mudam o enfoque para um corpo erotizado, sensual. Vale ressaltar que, em meados do século XIX, a mulher tinha seu corpo o mais coberto possível e os desejos sexuais deveriam ser suprimidos, pois não era de boa índole que a moça expressasse tais “pecados”.

Charcot, movido pela vontade de registrar os fenômenos histéricos, decidiu utilizar-se da fotografia e de desenhos das mulheres em crises histéricas, os quais serão analisadas no decorrer do trabalho. Antes, faz-se necessário que compreendamos o uso social da fotografia ao longo dos anos. Logo, é sabido que

datada da época da Revolução Industrial, a fotografia surgiu com a grande revolução tecnológica, servindo, inicialmente, como fonte de registro documental e geração de conhecimento. Depois, caiu no gosto popular a partir do interesse que as pessoas demonstraram em registrar momentos familiares e, aos poucos, assumiu o lugar da pintura, que geralmente, além de ser mais cara, exigia um suposto maior talento. Assim, a fotografia virou instrumento de pesquisa científica e também expressão da arte (KOSSOY, 1989).

Não descartamos aqui a possibilidade de falsificação e deturpação da fotografia, mas, esse não é um fenômeno que acomete apenas à foto e, sim, a todo e qualquer documento. Analisaremos as fotografias feitas por Charcot no Hospital de La Salpêtrière, com o objetivo de compreender um pouco mais do universo feminino e sua relação com a histeria e a sensualidade. Neste sentido, a relevância da nossa revisão bibliográfica foi, por conseguinte, a de poder contribuir nas discussões sobre o tema, a fim de, aos poucos, nos aproximarmos do que Freud chamou de “o continente negro” – A feminilidade e suas expressões.

Para a confecção deste artigo, desenvolvemos uma revisão bibliográfica e, para a análise da iconografia de Charcot, utilizamos a hermenêutica proposta por Paul Ricoeur (2008). Para Ricoeur, a hermenêutica é, fundamentalmente, a arte de compreender e interpretar toda e qualquer coisa, logo, é a capacidade de fazer uma leitura de mundo. Quando lemos um texto, por exemplo, ou observamos um objeto, as impressões que deles tiramos e o sentido que a eles atribuímos são expressões da hermenêutica. Fazer uso da hermenêutica proposta por Ricoeur, em um trabalho fundamentalmente psicanalítico, também se deve ao fato deste ter elencado aspectos fundamentais para a compreensão e interpretação dos textos de Freud. O autor supracitado demonstrou um interesse especial pelas obras de Freud que serão de fundamental importância para a compreensão da histeria, da sensualidade e do feminino expressos nas fotografias de Charcot.

O presente trabalho, cujo único objetivo é a análise das fotografias, antes citadas, com o fito de nelas descobrir não tanto as manifestações, mas, sim, as expressões da feminilidade interdita, justifica-se pela raridade de tal modalidade de estudo, ao tempo em que se constitui como exigência formal para a obtenção do título de Licenciatura em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba.

Como veremos, o estudo encontra-se dividido em seções. Na primeira delas, faremos um breve estudo sobre a história social da histeria; na segunda, uma rápida

digressão sobre os usos sociais da fotografia e, por fim, na terceira seção, analisaremos as fotografias produzidas por Charcot.

2. DISCUSSÃO

2.1. HISTÓRIA SOCIAL DA HISTERIA:

A histeria, hoje designada pela Psicanálise enquanto estrutura clínica, não é uma “invenção” da contemporaneidade, ao contrário, ela esteve presente desde o Antigo Egito. Diante do trabalho exaustivo elaborado por Antônio Quinet (2005) sobre a histeria, é a ele que recorremos repetidas vezes, em nosso trabalho, corroborando suas observações com os apontamentos apresentados por Isaias Pessotti (1995-1996).

Desse modo, a fim de averiguar as concepções sobre a histeria, Antonio Quinet viajou além dos séculos e mostrou que muitos acontecimentos marcantes da história estavam encharcados desse fenômeno. Segundo o autor supracitado, no Antigo Egito existia uma afecção que acometia as mulheres e era diagnosticada como um deslocamento da matriz, o útero. Tal deslocamento era digno de receitas médicas que às vezes se utilizavam de medicamentos e outras da intervenção do deus Thot, representante da potência masculina, para agir na genitália feminina.

Dando continuidade aos estudos referentes à histeria, deparamo-nos com Hipócrates (460-377 a.C.) que, ao tratar da natureza da mulher, falava em um “sufoco histérico”, provocado por um deslocamento do útero e responsável por desencadear uma série de sintomas, entre eles, ansiedade, tonteira, vômito e dores de cabeça. Mais uma vez, essa afecção, como era designada na época, estava reservada fundamentalmente às mulheres que não tinham relações sexuais. Também a esse respeito, Platão (c.428-c.347 a.C.) dá ao útero a propriedade de ser vivo capaz inclusive de desejar fazer crianças. Para ele, quando o útero permanece estéril, é capaz de angustiar o ser e ocasionar as mais diversas doenças.

Corroborando com as ideias trazidas até aqui, Pessotti (1995) afirma que, antes do século V a.C, a noção de natureza humana ainda era muito fragmentária, pois, só a partir dos tempos socráticos, pode-se falar em “conhece-te a ti mesmo”. Logo, todo e qualquer comportamento fora da “normalidade” – inclusive a histeria – era designado como loucura e as suas causas, na grande maioria das vezes, eram

associadas a possessões, ou castigos das divindades. Em grande medida, quando nos referimos a Pessotti e à loucura que este aborda, estamos também nos referindo à histeria e isso se dá pelo fato da ideia de neurose só ter vindo à tona no século XVIII, porém, essa neurose difere da mais recente trazida por Freud com o caráter de “normalidade” e aproxima-se das concepções de desordem mental, loucura:

Em Homero, portanto, a loucura é um estado de desrazão, de perda do controle consciente sobre si mesmo, de insensatez, no sentido de que sob a até², o homem perde ou pode perder o contato ordenado com a realidade física ou social. (...) Quanto à origem, não há dúvidas: toda loucura é obra de Zeus, de outros deuses ou de entidades subalternas, de diferentes níveis hierárquicos, no plano da divindade. A “etiologia” da loucura é mitológica (PESSOTTI, 1995, p. 19).

Tais questões vêm ratificar a ideia de Charcot de que a histeria sempre existiu e sempre existirá. É inegável também que, ao longo do tempo, ela esteve ligada ao feminino causando doenças muitas vezes pela falta das práticas sexuais. Se no Século I foi marcada como a doença do útero, no Século II foi descrita através da retenção da semente feminina, uma vez liberada no ato sexual e semelhante à ideia de esperma masculino. Já a partir do Século III, vem atrelada à possessão. Nas palavras de Quinet (2005):

Por mil anos não se ouvirá falar de histeria. Jesus Cristo se torna o médico supremo das almas e dos corpos, e o poder médico é subsumido pelo poder religioso. Todas as manifestações outrora atribuídas ao útero e suas mazelas são interpretadas como efeito de alguma intervenção divina ou possessão demoníaca. Foi preciso esperar os séculos XII e XIII para os concílios interditar ao clero o exercício da medicina, a qual inicia assim sua secularização (p. 92-3).

A esse respeito e remetendo-nos mais uma vez a Charcot e à Escola de Salpêtrière, observamos através dos estudos que este realizou, que eram tidos como histéricos inclusive os fenômenos que acometiam as bruxas e as vítimas de possessão demoníaca na época do Renascimento. Logo, a histeria passa à fase dos vapores e espíritos, quando, segundo Lange (1689), o acúmulo da semente feminina por falta de exercícios da sexualidade acarreta a produção de vapores que podem se alojar no cérebro, nos pulmões, ou em qualquer outro órgão do corpo, provocando os sintomas característicos das doenças de cada área.

² Segundo Pessotti (1995), em Homero, o conceito de até aparece como estado transitório de insensatez.

Muitos teóricos propuseram-se a desvendar os mistérios da Histeria, entre eles, Thomas Sydenham (1624-1689), que vem afirmar que a mesma, por sua complexidade, é impossível de ser definida: “Essa doença é um proteu que toma uma infinidade de formas diferentes; é um camaleão que varia sem fim suas cores...” (apud QUINET, 2005. p. 95). Dessa forma, imitando quase todas as doenças do ser humano, a histeria passa a ser tratada como uma doença enganadora. Depois, há um deslizamento da histeria enquanto enganadora, para o sujeito histérico enquanto o grande burlador. Isso quer dizer que se antes a histeria era considerada uma doença multifacetária, depois o sujeito histérico é quem foi denominado enquanto grande ator, pois, para a sociedade, as crises históricas não passariam de teatro.

Em seguida, no Século XVIII, houve o momento de desacorrentar os loucos. Phillipe Pinel (1745-1826), médico da Salpêtrière, foi pioneiro nessa área. Para ele, a histeria era uma neurose, porém, diferentemente de seus contemporâneos, ele descartou a hipótese da sede cerebral, atribuindo à histeria uma “continência austera” recomendando, inclusive, a união matrimonial como forma de tratamento.

Embora muitas pessoas do século XXI acreditem que a histeria passou a ser “aceita” enquanto digna de seriedade a partir do século XIX, foi aí que ela fora denominada enquanto uma doença detestável. Sobre os sujeitos históricos, Wilhelm Griesinger (apud QUINET, 2005) afirma:

São de uma extrema sensibilidade, apresentam uma suscetibilidade exagerada, a menor crítica os afeta, são facilmente irritáveis, trocam de humor pelo mínimo motivo ou mesmo sem motivo algum...; alguns são mentirosos, ciumentos, desordenados, adoram fazer maldades. (...) São seres insuportáveis para o meio em que vivem (p. 96).

Ao longo dos anos, um fator preponderante no que tange à histeria é a sua ligação tanto com o feminino, quanto com as paixões. Tal ocorrência talvez se deva ao fato de a histeria estar geralmente relacionada à mulher – uma vez que a própria palavra histeria designa ou deriva da palavra útero (em algumas definições designa incerteza sexual) – e pela questão dos sentimentos e emoções femininos terem sido por muito tempo distorcidos no universo masculino. A esse respeito, Paul Briquet afirma que se a histeria é uma doença que deve ser levada a sério, é pelo fato de ser uma doença das paixões, sendo esta devida “à existência na mulher, dos sentimentos mais nobres e mais dignos de admiração, sentimentos que somente ela é capaz de experimentar” (apud QUINET, 2005. p. 98). É como se ele quisesse dizer que a histeria é uma expressão dos vários sentimentos que invadem a mulher, quer seja de forma aumentada, enfraquecida, ou pervertida, mas obviamente, sabemos que a

histeria não é exclusividade do universo feminino, encontrando-se em grande escala em sujeitos do sexo masculino.

É sabido que se atualmente a histeria tem o caráter de estrutura clínica, anteriormente ela precisou passar por uma série de estudos que comprovassem sua seriedade. Muitos foram os médicos da Escola da Salpêtrière que empenharam-se em encontrar causas orgânicas, porém, Jean-Martin Charcot foi de fundamental importância nesse processo, afirmando categoricamente que a histeria era doença, embora alguns teóricos a tratassem enquanto mero romance. Logo, foi Charcot o primeiro a fazer da histeria uma entidade respeitável. Fazendo desta um tipo clínico completo, inicialmente atribuiu à origem da histeria a fenômenos relacionados aos ovários, porém, com as remoções cirúrgicas dos úteros das histéricas, ele nega posteriormente que alguma vez tenha mencionado a importância dos ovários na etiologia da histeria, atribuindo agora relevância ao fator hereditário.

Charcot estava mais interessado nas definições do que nas causas da histeria, usando o hipnotismo como forma de diagnóstico diferencial. Como era adepto da localização cerebral dos transtornos neurológicos, insiste na presença de uma lesão. Adiante, tendo em vista que não havia lesão neurológica, define-a como “lesão dinâmica”. Assim, a histeria passa a ser vinculada a ideias que podem ser despertadas.

É possível despertar nos órgãos psíquicos uma ideia ou um grupo de ideias associadas que, na ausência de qualquer controle e de qualquer crítica, deverão estabelecer-se em estado autônomo e adquirir uma enorme força e um poder de realização sem limites (apud QUINET, 2005, p. 99).

Foi preciso esperar por Sigmund Freud para termos a concepção de histeria vinculada a questões sexuais de ordem fantasística ocorridas na infância, mas, antes disso, praticamente foi proclamada a “morte da histeria”. Hippolite Bernheim (1837-1919), da escola de Nancy, vai de encontro às ideias de Charcot e afirma veementemente que os fenômenos histéricos nada mais são do que efeitos da sugestão, e complementa sua fala afirmando que havia uma cultura da histeria na Salpêtrière.

Outro teórico descrente na histeria foi Joseph Babinski (1857-1933), aluno de Charcot, na Salpêtrière, que trocou o termo “histeria” pelo termo “pítianismo”. Tal expressão advém da palavra “pítia” e pítias eram as sacerdotisas do deus Apolo. Quando consultadas nos oráculos (que funcionavam em cavernas vaporosas ao sopé

de vulcões) elas entravam em uma espécie de transe que, segundo os autores do século XIX, pelas descrições feitas por historiadores da Grécia Antiga, se assemelhavam aos ataques histéricos e, daí, a expressão "ataque pitiático" (de onde vem o termo popular e atual de "piti") que, segundo Babinski, deveria ser curado pela persuasão. (BRANDÃO, 1989).

Em contrapartida, Pierre Janet (1859-1947), filósofo, médico, psicólogo e discípulo de Charcot, vem discordar tanto de seu mestre quanto de Bernheim. Ele acreditava que a forma como Charcot lidava com as histéricas não era adequada, pois não havia diferença entre esse método e os métodos aplicados pela medicina à neurologia. Para ele, se o que acometia as histéricas era da ordem da psique, o método utilizado só poderia ser psicológico, uma vez que para Janet, tratava-se de um "estreitamento na consciência", estando os fenômenos aí encontrados atrelados a ideias presentes no "subconsciente". Em grande medida, uma vez que tratavam-se de ideias patogênicas, bastava extraí-las e substituí-las por outras para que o sintoma cessasse.

Foi em Março de 1928 que ocorreu o fato denominado por Quinet (2005) de "Histeria Artística". Era o cinquentenário (1878-1928) da histeria, então, a revista "La Révolution Surréaliste", dedica três páginas ao acontecimento, publicando fotos das atitudes passionais do grande ataque histérico e lastimando em tom indignado o fato da histeria ter sido tão rejeitada. O texto publicado mostra fundamentalmente que a histeria era uma forma de expressão e não um fenômeno patológico.

A histeria é um estado mental mais ou menos irreduzível que se caracteriza pela subversão das relações que se estabelecem entre o sujeito e o mundo moral ao qual ele acredita em termos práticos pertencer independente de todo sistema delirante. Esse estado mental é fundado na necessidade de uma sedução recíproca, que explica os milagres apressadamente aceitos pela sugestão (ou contra-sugestão) médica. A histeria não é um fenômeno patológico, e pode, de todo modo ser considerada como um meio supremo de expressão (apud QUINET, 2005, p. 102).

A partir de então, podemos dizer que houve, com a grande virada secular, uma oportunidade de observar a histeria enquanto uma modalidade do ser. Em Viena, Freud já se dedicava ao estudo da histeria juntamente com Joseph Breuer. Juntos, eles foram além do espaço adentrado por Charcot e Janet. A Psicanálise, criada por Sigmund Freud (1856-1938), surgiu da busca por respostas ao enigma da histeria. A partir de então, Freud descobre o Inconsciente. Ao perceber que a hipnose utilizada para eliminar os sintomas das histéricas apresentava muitas resistências, ele criou o

método de livre associação, que consistia em deixar o sujeito falar livremente. Isso se deu através da conclusão de que os sujeitos histéricos sofrem de reminiscências, logo, foi preciso rechaçar qualquer método de sugestão que viesse a influenciar as lembranças dos pacientes.

Através do método de livre associação, a escuta tornou-se para Freud uma fórmula para desvendar caminhos obscuros, que eram inacessíveis pela hipnose. Mesmo que esta fosse induzida, passado o efeito hipnótico, os pacientes nada recordavam do que havia acontecido, assim, descobriu-se que a hipnose só eliminava os sintomas, antes era necessário chegar à causa dos mesmos.

Freud (2006) afirmou que a histeria era o resultado da tentativa de expulsar da consciência um acontecimento traumático vivenciado na infância, como a sedução por parte de um adulto, por exemplo. Assim, tratava-se de uma histeria de defesa, uma vez que a ideia traumática era recalcada, permanecendo ativa no inconsciente. A posteriori, ele traz a concepção de histeria de conversão, pois, já na fase adulta, quando ocorre algum fato que faça lembrar o trauma ocorrido na infância, há a aparição de sintomas no corpo, que é um memorial do trauma.

No que afirmei até agora, a ideia de resistência se impôs no primeiro plano. Demonstrei como no curso do nosso trabalho terapêutico, fomos levados à visão de que a histeria se origina por meio do recalçamento de uma ideia incompatível, de uma motivação de defesa. Segundo esse ponto de vista, a ideia recalcada persistiria como um traço mnêmico fraco (de pouca intensidade), enquanto o afeto dela arrancado seria utilizado para uma inervação somática. (Em outras palavras, a excitação é “convertida”). Ao que parece, portanto, é precisamente por meio de seu recalçamento que a ideia se transforma na causa de sintomas mórbidos – ou seja, torna-se patogênica. Pode-se dar a designação de “histeria de defesa” à histeria que exiba esse mecanismo psíquico (FREUD, 2006, p. 298).

Logo, o tratamento consiste em chegar às cenas traumáticas “perdidas” no Inconsciente através do método de livre associação de ideias. Em seguida, sobre o trauma sofrido na infância, Freud chega à conclusão de que não seria possível que todos os pais fossem capazes de abusar sexualmente dos filhos e assim, descobre que as cenas traumáticas são decorrentes da fantasia das crianças, fantasias estas que mantêm a carga traumática em mesma medida.

Sobre os sintomas, que nada mais são do que uma solução de compromisso, podemos afirmar, baseados na teoria freudiana, que esses têm uma significação que é sexual, expressando a realização de um desejo, e apresentando um valor simbólico. Na histérica (expressão colocada preferencialmente no feminino pela grande

incidência dessa estrutura nas mulheres e por se aproximar da proposta do trabalho de vislumbrar a problemática feminina na histeria), em sua relação com a mãe, pode identificar-se com esta tanto em relação ao seu desejo, quanto ao seu sintoma. Vale salientar que foi a partir de então que Freud elaborou o conceito de “transferência”, pois, ao falar em sintoma, o Pai da Psicanálise afirmou que todo ele é direcionado a outrem. Sobre o tratamento, Quinet (2005) afirma que “os sintomas se desfazem em decorrência da aplicação do método analítico por ele trazer à baila o Inconsciente” (p. 103).

Dando continuidade à história social da histeria, veremos que se em Freud a temos enquanto o negativo da perversão, em Jacques Lacan (1901-1981), a temos enquanto laço social. Lacan se utilizou do estudo da linguagem para dar continuidade aos estudos da teoria freudiana e, assim, tentar explicar a psique humana. Para ele, o sujeito é imerso em uma rede de significantes. Aqueles que são capazes de apropriarem-se deles não estão subjugados ao desejo materno, sendo, assim, sujeitos desejantes. Assim, são sujeitos também desejantes os ditos neuróticos. Sobre esses, aqui daremos prioridade à histeria e às manifestações da feminilidade das histéricas.

Assim sendo, falar do feminino remete-nos não somente a tratar da distinção anatômica entre os sexos, mas também em tratar dos termos “atividade” e “passividade” enquanto posições subjetivas não necessariamente ligadas de forma respectiva ao homem e a mulher. A esse respeito, afirma André (1987, p. 11):

O gênio de Freud é o de haver notado que as considerações anatômicas não são, nesse ponto, de ajuda alguma. As constatações possíveis de se fazer pela observação do exterior, bem como do interior do corpo humano, permanecem para nós sem valor, pois o que se trata de apreender não é uma diferença entre órgãos e cromossomos que determinam nossa configuração, mas uma diferença de sexos – esse termo designado aqui, para além da materialidade da carne, o órgão enquanto aprisionado na dialética do desejo, e dessa forma ‘interpretado’ pelo significante.

Dessa forma, percebe-se que a distinção anatômica entre os sexos não é um fator determinante na constituição do sujeito, mas não se pode negar que é um importante fator no processo de formação de sua identidade, que sem dúvida, perpassa por essa problemática da diferença anatômica na infância, para, mais tarde, aliado às representações e simbolizações do universo dos sexos, darem corpo à sua subjetividade.

Desse modo, é a partir da fase intitulada Complexo de Édipo que começam tais indagações acerca do masculino e do feminino, e de que forma a criança se estruturará. É sabido que essa fase é bem explicada e por isso de melhor compreensão quando se trata do menino. Para Freud (2006), o menino inicialmente investe sua libido no outro materno, ou em quem exerce essa função, atuando enquanto mãe simbólica. Depois, quando a mãe aponta seu olhar para o pai, o menino passa a temer a castração e, para salvar seu pênis desse outro paterno que aparece com a função de separá-los, ele abre mão de sua mãe. Segundo Dor (1991) aqui, o pai assume sua função de Pai Simbólico. Posteriormente, identifica-se com seu pai, entre outras coisas, a partir da distinção anatômica entre os sexos dos genitores e alia-se a ele, para mais tarde poder escolher outra mulher, que será alvo do seu amor. O menino sai do Complexo de Édipo para não saber do desejo. Vale salientar que, se os pais exercem suas funções simbólicas, a criança se estruturará enquanto neurótica.

O que leva o menino a pensar que será castrado, ou que existem seres castrados é a visualização da genitália feminina. A ausência do pênis cria na cabeça do menino a fantasia de que um dia houve um pênis ali e que por algum motivo foi cortado. O menino não reconhece a genitália feminina enquanto outro sexo e, sim, como um sexo masculino castrado, já que, até então, a vagina não foi descoberta. (Freud, 2006)

Já nas meninas, a explicação do Complexo de Édipo se dá de forma mais complexa e menos satisfatória e o próprio Freud (2006) assume a complexidade de compreensão desse fenômeno, onde, em suma, ao descobrir a castração no seu próprio corpo, através da visualização do pênis no menino, a menina vê-se castrada como a mãe e passa a odiá-la. Assim, dirige seu amor ao pai, na esperança de receber dele um pênis. Diante dessa nova frustração, tendo em vista que o pai não lhe dará um falo, mais tarde a menina desenvolve a fantasia de que o mesmo lhe dará um bebê, deparando-se mais uma vez com a frustração. Em seguida, retorna à mãe. A menina entra no Complexo de Édipo para saber do desejo. O que não se sabe ao certo é o motivo que leva a menina a retornar à mãe para posteriormente investir seu amor em um homem. As sucessivas “frustrações”?

Lacan, corroborando com muitas ideias de Freud, dividiu o Édipo freudiano em três etapas que consistem fundamentalmente na triangulação do falo. Segundo ele, uma criança que “estaciona” no primeiro tempo do Édipo, encontrar-se-á na estrutura psicótica, pois, será o falo para sua mãe, tendo, com esta, uma relação fusional. No

segundo tempo, encontramos a fase da incerteza psíquica uma vez que a questão aqui é ser ou não ser o falo da mãe. Logo, no segundo tempo do Édipo, a estruturação psíquica será neurótico-obsessiva. No terceiro tempo, encontramos os sujeitos ditos histéricos. Na histeria, a questão é ter ou não ter o falo. Tal operação se dá através da mãe, que sinaliza a presença do pai, operando este uma castração simbólica. (VIVIANI, 1985).

Vemos assim, o quanto a Psicanálise se empenhou e ainda se empenha na busca de respostas satisfatórias acerca do que podem ser o homem e a mulher, porém, no segundo caso, fica sempre a dúvida, a noção de incompletude, de enigma. A esse respeito, Freud (2006) afirma:

(...) Contudo, encontramos muito que estudar nesses indivíduos humanos que, mediante a posse de genitais femininos, são caracterizados como manifestamente ou predominantemente femininos. De acordo com sua natureza peculiar, a Psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir –, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde criança dotada de disposição bissexual³ (p. 117).

Porém, se para falar em histeria é preciso entender minimamente a lógica do funcionamento psíquico dos sujeitos assim estruturados, bem como o da mulher em geral, não se constitui enquanto objetivo primeiro deste trabalho descobrir o que quer uma mulher, nem mesmo como ela se forma e, sim, analisar se a histeria se constitui enquanto doença ou expressão da sensualidade feminina a partir das imagens registradas por Charcot.

2.2. A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA E A ICONOGRAFIA DE CHARCOT

Muitas são as indagações feitas acerca do uso da fotografia, desde sua utilização enquanto documento histórico, até à conotação emocional que a cerca. É sabido que o ato de visualizar fotografias é um exercício para reviver o passado, porém, fator que gera curiosidade é o seu significado na vida das pessoas. Umas querem registrar o momento a fim de eternizá-lo, outras parecem procurar uma prova “real” para determinados acontecimentos. Mais que isso, a fotografia parece ser capaz de proporcionar reflexão, como se a partir do passado empreendido em imagens, o homem pudesse entender quem era, quem é, e quem poderá ser.

³ Freud (2006) usa o termo bissexualidade para dizer que, na mulher, são encontradas muitas partes do aparelho sexual masculino, ainda que em estado atrofiado, e vice-versa. Ele acrescenta que um indivíduo não é homem ou mulher, e sim, ambos – sendo um pouco mais de um do que de outro.

A fotografia foi uma das invenções datadas da época da Revolução Industrial, pois aquele foi o momento de grande desenvolvimento das ciências e das tecnologias. Sendo uma fonte de informação e conhecimento, caiu no gosto popular, pois, não só era um instrumento de apoio à pesquisa, como também uma forma de expressão artística. Tal tecnologia contribuiu para o surgimento de verdadeiros impérios industriais e comerciais:

O mundo tornou-se de certa forma, “familiar” após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. Com o advento da fotografia, e mais tarde, com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação da imagem fotográfica em quantidades cada vez maiores através da via impressa, iniciou-se um novo processo de conhecimento do mundo, porém, de um mundo em detalhe, posto que fragmentário em termos visuais e, portanto, contextuais. (...) O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua imagem fotográfica. O mundo, tornou-se assim, portátil e ilustrado (KOSSOY, 1989, p. 15).

Chamamos à atenção para a expressão “posto que fragmentário em termos visuais” para afirmarmos que a fotografia, embora consiga retratar momentos, tem seu uso contestado, tanto devido ao fato de ser um recorte, um fragmento da realidade, quanto pela possibilidade de manipulação pela truncagem ou falsificação. Obviamente, ao fotografar algo, pode-se exaltar determinados aspectos e ocultar outros, conforme o que se deseja mostrar. Em contrapartida, o autor supracitado diz que isso faz parte de um preconceito que gira em torno da utilização da fotografia, pois os documentos escritos sempre foram tidos como não falsificáveis, porém, é inegável que a fotografia, podendo ser feita a partir de um foco que se queira mostrar, pode ser realmente manipulada. É interessante notar que Kossoy (1989) trata do fotógrafo enquanto um “filtro cultural”, pois, caberá a ele cuidar da organização visual enquadrada pela foto, a qual será decisiva no resultado final. Assim, as imagens seriam “contaminadas” pela ideologia, bem como pelo estado de espírito do fotógrafo que decide priorizar ou menosprezar esses ou aqueles aspectos.

A esse respeito, Sontag (1981) vem afirmar que, ao contrário dos filmes e programas televisivos, que ilustram em movimento as imagens nas telas, mas logo se apagam, pela rápida exibição, a fotografia, em seu ver, tem o poder de fixar, porém, não constitui depoimento sobre o mundo, sendo esta uma miniatura, um fragmento, um recorte da realidade. “A fotografia, que brinca com a escala do mundo, pode ser reduzida, ampliada, cortada, retocada, consertada e distorcida” (p. 4).

Apesar do seu caráter de contestabilidade, o autor citado acima fala da importância que o ser humano confere à visão enquanto sentido do corpo, e o quanto é mais fácil crer em determinado acontecimento se este estiver sendo comprovado pelo uso da fotografia. Inclusive, em meados de 1871, no cenário de Paris, a fotografia era usada pela polícia como prova em perseguições criminosas. Aqui, percebe-se que, se por um lado a fotografia está relacionada à prova, ao crime, ao documento, por outro, está relacionada às emoções. Dito isto, é fácil recordar o quanto estamos preocupados em registrar momentos, em congelar expressões... Como se na fotografia tais momentos fossem se eternizar.

A fotografia não é só pseudopresença, mas também símbolo de ausência. Tal como o fogo que crepita dentro de casa, a fotografia – sobretudo de pessoas, de paisagens distantes e de cidades longínquas, ou do passado que se dissipou – é algo que incita ao devaneio. A sensação de inatingível que a fotografia é capaz de evocar, gratifica de imediato os sentimentos eróticos daqueles para quem o desejo se torna mais intenso com a distância (SONTAG, 1981, p. 16).

Ainda segundo Sontag (1981), a fotografia é expressão de arte e tem vantagem perante as pinturas, uma vez que estas exigem um suposto maior talento. Referindo-se ao contexto Europeu, ela afirmou que os flashes eram voltados sobremaneira para os conceitos do pitoresco (os carentes, o esquisito e o antigo), para o importante (ricos e famosos) e para o belo. Mais que isso, adiante Sontag afirma que a fotografia era utilizada como meio de despertar consciências, pois, ao serem expostas imagens de crianças trabalhando em fábricas têxteis, plantações e minas de carvão, os legisladores tomaram a iniciativa de tornar o trabalho infantil ilegal.

Dando continuidade à história dos usos sociais da fotografia, Kossoy (1989) fala que “Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado de real, em determinado lugar e época” (p. 21-22). A partir desta citação, podemos compreender o motivo que levou Charcot a fotografar as histéricas na Salpêtrière. Disposto a registrar semblantes e poses das pacientes em crises histéricas, Charcot desenvolveu toda uma estrutura em forma de estúdio fotográfico. Assim, ele conseguiu registrar imagens de pacientes no momento em que aquelas apresentavam-se em “ataque epileptoide” – onde, como o próprio nome indica, haviam espasmos semelhantes aos dos epiléticos, contorções musculares e atitudes passionais.

2.3. ANÁLISE DA ICONOGRAFIA:

Não se constitui, absolutamente, como um erro nem como uma generalização forçada, advertir que interpretar um fenômeno, qualquer que seja, é fazer sua hermenêutica, esta compreendida como um esforço de produção de significados pela via da interpretação. Seja o mito, seja arte, sejam os sinais inconscientes da fala humana, seja, ainda, a linguagem poética, tudo isso passou a ser, com Paul Ricoeur, objeto da hermenêutica, pois reclamam um esforço interpretativo. Sobre o pensamento de Paul Ricoeur, afirma Japiassu, (2008) em “Hermenêutica e Ideologias”:

Trata-se de um pensamento que se propõe a adotar um método reflexivo capaz de romper todo e qualquer pacto com o idealismo. De forma alguma pretende negar sua relação com o vivido. Pelo contrário, tem em vista o esclarecimento, mediante conceitos, da existência. E esclarecer a existência é elucidar seu sentido. Por isso, o problema próprio a Ricoeur, é o da hermenêutica, vale dizer, o da extração e da interpretação de sentido (p. 7).

Logo, utilizamo-nos da contribuição de Ricoeur ao estudo da hermenêutica, para analisar, interpretar, compreender, em fim, extrair um sentido da iconografia de Charcot sobre a histeria.

Estamos em Paris, em pleno século XIX. As mulheres deveriam ser guardadas, uma vez que eram praticamente propriedade de seus esposos, e não tinham o poder de livre expressão. Segundo HUNT (1991) em “Revolução Francesa e Vida Privada”, a mulher...

... é representada como o inverso do homem. É identificada por sua sexualidade e seu corpo, enquanto o homem é representado por seu espírito e energia. O útero define a mulher e determina seu comportamento emocional e moral. Na época, pensava-se que o sistema reprodutor feminino era particularmente sensível, e que essa sensibilidade era ainda maior devido à debilidade intelectual. As mulheres tinham músculos menos desenvolvidos e eram sedentárias por opção. A combinação de fraqueza muscular e intelectual e sensibilidade emocional fazia delas os seres mais aptos para criar os filhos (p. 50).

Dessa forma, a mulher fazia parte do âmbito privado e deveria ficar em casa para cuidar dos filhos e do marido, e o seu corpo deveria ser escondido, como mostrado nas imagens abaixo:



Assim, a mínima parte do corpo exposta aos olhos masculinos (a exemplo dos tornozelos) era digna de euforia e excitação. A partir daqui, chegamos a uma importante questão: Por que em uma época em que o corpo deveria ser coberto, as históricas do Hospital de La Salpêtrière mostravam-se sensuais, com partes do corpo à mostra, em atitudes passionais lembrando as fotos “pornográficas” de então? As fotografias abaixo são a expressão da obscenidade naquele século: Vemos o nu feminino de forma sutil, pois, como dito anteriormente, diante da enorme

responsabilidade que a mulher tinha de cobrir e zelar pelo seu corpo, a sua exibição era tida como obscena, cabendo isso às prostitutas.



Diferentemente do século XXI, as imagens supracitadas oferecem o convite à imaginação, mostrando a sensualidade feminina de forma leve e, de certo modo, discreta, como se o expectador se sentisse convidado a imaginar o que há por baixo dos véus das mulheres e, assim, sentisse o desejo de desbravar os horizontes, diferentemente de hoje, em era de sexo fácil e explícito, com a mulher inteiramente

nua, sem espaços para a simbolização, uma vez que o “real” já está ali exposto. Percebemos também, nas imagens acima, a delicadeza que as mulheres exibem nos gestos, olhares e roupas.

Essas mulheres, além de estarem ocupando o papel de objeto sexual nas fotografias, estão declaradamente expressando a sua feminilidade. A feminilidade! Esse “continente negro” que até hoje se mostra enigmático, é, para Birman (1999):

(...) O que está em pauta na experiência da sedução é a feminilidade, presente tanto nas mulheres quanto nos homens, mas certamente nas mulheres de forma mais radical. Isso porque as mulheres reconhecem com mais facilidade e assumem de bom grado a sua condição de insuficiência e desamparo, o que nem sempre é o caso dos homens. A feminilidade é um traço que se inscreve no registro da falta e do vazio, que está no âmago da experiência do desejo (p. 59-60).

Ou seja, em curtas palavras, a citação nos evidencia o quanto o papel da sedução e da sensualidade fazem parte do ser, ou melhor, do tornar-se mulher. Observemos, agora as seguintes fotografias:



A foto acima é da jovem Augustine⁴. Augustine foi umas das histéricas fotografadas por Charcot no Hospital de La Salpêtrière. Como podemos observar, o cenário da fotografia é o seu quarto de hospital, mas especificamente a sua cama. Parece um quarto à meia luz, com lençóis brancos e travesseiros macios. Suas roupas provavelmente são as comumente usadas em hospitais: uma camisa (camisola) relativamente folgada. Augustine tem os cabelos soltos, e sua expressão facial é de felicidade, porém, não uma felicidade qualquer, mas de êxtase ou satisfação sexual:

⁴ Augustine, a mais famosa histérica de Charcot, deu entrada no Hospital de La Salpêtrière aos 15 anos, tendo sido violentada pelo patrão aos 13 anos, o qual era amante de sua mãe. (

os olhos fechados de quem quer experimentar sensações com o resto do corpo, as sobrancelhas levemente contraídas, o sorriso faceiro. Os braços abraçando a si própria demonstram autoerotismo. A cena de sensualidade se completa ao observarmos o ombro e o seio seminus.

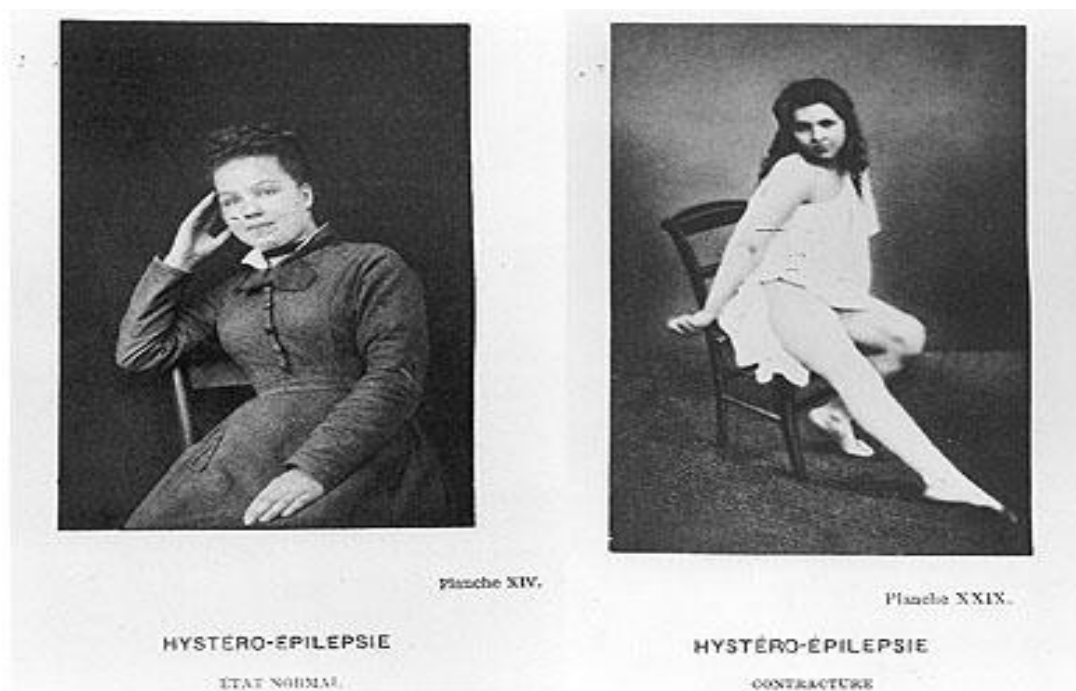


Mais uma foto em atitudes passionais. O corpo apoiado pelo braço direito, como quem aguarda algo (alguém que a convide a deitar?). Cabelos soltos, olhar para cima (para alguém?) de forma sensual, sorriso suave nos lábios... A quem esse olhar convidativo está direcionado? Por que a histeria encontra-se tão ligada à feminilidade e sensualidade? Por que a escolha de mulheres bonitas para demonstrar as atitudes passionais? O que Charcot queria, afinal, com a iniciativa de registrar tais fenômenos? São muitos os questionamentos quando nos deparamos com o feminino e com as suas “faltas”.

Adiante, temos mais uma representação da histeria:



A foto acima possui o mesmo cenário das anteriores, em La Salpêtrière. O que podemos observar aqui com uma riqueza maior de detalhes é a expressão facial de satisfação. Os olhos direcionados ao alto quase que “revirados”, mais que doença, expressam êxtase ou gozo. O sorriso claro nos lábios é sem dúvida a expressão da felicidade. As mãos erguidas em sinal de agradecimento aumentam a impressão de satisfação mostrada na fotografia. De forma muito sensual, aparecem o pescoço, o ombro, parte do seio. Tal aparição era sem dúvida motivo de euforia para a época. Ademais, percebemos as pernas cruzadas e nuas. Podemos dar ênfase às formas sensuais aqui representadas pelas coxas arredondadas, joelhos aparentemente delicados e macios e pernas bem torneadas.



O que dizer então, da fotografia acima? Quanta diferença entre os dois limites da mulher! A primeira faz jus à condição de mulher vitoriana puritana, bem vestida, com seriedade no semblante. A cadeira serve apenas para ela sentar e apoiar o braço, sem espaços para a imaginação erotizada do observador. A segunda é uma expressão nítida de sensualidade. Diferentemente das fotos anteriores, esta possui como cenário um lugar aparentemente vazio, justamente para dar ênfase à mulher. Ela é a figura, o que realmente importa ao observador comum. A cadeira que outrora servia de assento, agora dá margem à imaginação: ela sustenta uma mulher seminua, cujo olhar é de convite. A sensação de que ela está jogando o tronco um pouco à frente aumenta a sensualidade da foto, uma vez que, assim, essa histérica oferece seu colo, e/ou seu corpo. A perna bem torneada estendida e nua chama mesmo o olhar do outro, afinal, o objetivo primeiro de quem seduz é capturar o olhar alheio, para, depois, sentir-se desejado. A esse respeito, afirma Birman (1999):

Finalmente, não é necessário para o sujeito que se provoque uma “paquera”, mas basta para o agente feminino da experiência na sua exibição sutil que se produza o engolfamento do olhar de vários outros, expostos às artimanhas da sedução. O que implica dizer que existe um gozo do sujeito em provocar o desejo do outro e que isso é suficiente, já que para o sujeito desejante basta a certeza e o reconhecimento de que é desejado. Se o resto, isto é, o que pode daí advir, não é desprezível e dispensável, no entanto a certeza da sedução já constitui em si mesma uma modalidade de gozar para o agente (p. 60).

Isso posto, é como se imagética e imaginariamente, as histéricas de Charcot estivessem a meio caminho entre a ausência de sexualidade, tal como expressa pela

mulher vitoriana coberta da cabeça aos pés, e a prostituta nua ou seminua. Ou seja, entre as duas grandes figuras femininas, a mãe pura e angelical, e a prostituta, sexualizada mas imoral, está colocada a histérica., cuja sensualidade, por ser expressão de uma patologia, é aceita como sintoma, única condição mediante a qual a feminilidade não seja sinônimo de imoralidade ou depravação.

3. COMENTÁRIOS FINAIS:

Como foi mostrado no decorrer do presente trabalho, a histeria sempre existiu, embora em muitas épocas tenha sido associada a doenças uterinas e a fingimentos. O objetivo principal a que nos propusemos aqui foi o de analisar a iconografia de Charcot sobre a histeria, produzida no século XIX, no Hospital de La Salpêtrière. Para tal, foram feitas pesquisas acerca da história social da histeria, bem como os usos sociais da fotografia. Em grande medida, embora estivéssemos cientes da possibilidade de deturpação das fotografias, foi essa a ferramenta que preferimos usar para tentar responder à pergunta enunciada no título: “Histeria: Doença ou expressão da sensualidade feminina sequestrada? O caso das fotografias de Charcot”.

Outra ferramenta por nós escolhida para o desenvolvimento deste artigo foi a hermenêutica proposta por Paul Ricoeur. Ao fazermos indagações acerca de qualquer elemento, estamos corroborando com Ricoeur, uma vez que estas nos possibilitam interpretar, para posteriormente compreender o universo da histeria e da sensualidade feminina. Objetivando isso, fizemos uma analogia entre as fotos das mulheres burguesas “puritanas” da era vitoriana com fotos sensuais das prostitutas da mesma época, para finalmente mostrarmos as fotos das histéricas em suas atitudes passionais bastante sensuais, interpostas entre esses dois extremos. Por que em uma época de corpos cobertos com vestidos tão longos, as histéricas, tidas tantas vezes como doentes, demonstravam características jamais demonstradas em estado “normal” do seu comportamento? Estariam certos os autores que diziam que o remédio para a histeria era a atividade sexual regular? Ademais, o que pretendiam as histéricas com esse ar de sedução? E o que pretendia Charcot ao escolher fotografar tais histéricas em tais poses e situações? Temos inclusive nossas dúvidas acerca do uso dessas fotografias. Teriam elas sido usadas com o mesmo fim das fotografias das prostitutas?

Faz-se necessário ainda apontarmos para os limites deste trabalho. Primeiramente, este é um recorte da iconografia de Charcot, quando o ideal seria se tivéssemos tido acesso a todo arquivo de Charcot. Porém, diante da nossa

impossibilidade de realizar tal feito, fizemos uma pesquisa de revisão bibliográfica e fotográfica, a fim de alcançar o objetivo proposto.

Apesar das limitações supracitadas, este trabalho assinala que a sensualidade da mulher foi sempre vista enquanto algo da ordem do pecaminoso e do patológico. Falar em uma feminilidade sequestrada nos remete a pensar o quanto a mulher, a fim de ser vista como normal, teve de suprimir, no século XIX, seus desejos sexuais que, hoje sabemos, são inerentes à sua condição de mulher. Assim, para não desapontar a sociedade, cabia apenas às prostitutas o poder de expressar tal sensualidade, aqui vista como imoralidade, enquanto a sexualidade da histérica era patologia. Assim sendo, as fotografias de Charcot dizem menos da histeria como doença e mais da sexualidade feminina como um sintoma; diz mais sobre a sexualidade masculina que da sensualidade da mulher.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. “A máscara e o véu do desnudamento”, In _____. **Cartografias do Feminino**, Jardim Europa: Ed. 34, 1999 (pp.: 59-65).

BRANDÃO, J. de S. **Mitologia grega**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1989 (v. II, pág. 97-8).

DOR, J. “O pai real, o pai imaginário e o pai Simbólico: a função do pai na dialética edipiana”. In DOR, J. (org) – **O pai e sua função em psicanálise**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991 (pp.: 43-55).

GRAMARY, A. **Charcot e a iconografia fotográfica de La Salpêtrière**. In: Saúde Mental. Vol X, nº 3, Maio/Junho, 2008. Disponível em http://www.saudemental.net/pdf/vol10_rev3_leituras1.pdf acesso em 01/11/2011 às 14:00 hs.

JAPIASSU, H. “Apresentação - Paul Ricoeur: Filósofo do sentido”, In RICOEUR, P. (org) – **Hermenêutica e Ideologias**, Petrópolis: Vozes, 2008 (pp.: 7-20).

KOSSOY, B. “Fotografia e história”, In KOSSOY, B. (org) **Fotografia e história**, São Paulo: Ática, 1989 (pp.: 14-20).

KOSSOY, B. “Fundamentos teóricos”, In KOSSOY, B. (org) **Fotografia e história**, São Paulo: Ática, 1989 (pp.: 21-33).

KOSSOY, B. “Recuperação iconológica: Caminhos da interpretação”, In KOSSOY, B. (org) **Fotografia e história**, São Paulo: Ática, 1989 (pp.: 67-80).

HUNT, L. “Revolução francesa e vida privada”, In ARIÈS, F. DUBY, G. (org) – **História da vida privada**, São Paulo: Schwarcz Ltda, 1991 (pp.: 22- 51).

PESSOTTI, I. "Homero", In PESSOTTI, I. (org) **A loucura e as épocas**, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994 (pp.: 13-21).

QUINET, A. **A lição de Charcot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

RICOEUR, P. "A tarefa da hermenêutica", In RICOEUR, P. (org) – **Hermenêutica e ideologias**, Petrópolis: Vozes, 2008 (pp.: 24-50).

ANDRÉ, S. "O que posso saber disso?" In ANDRÉ, S. (org) – **O que quer uma mulher?**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986 (pp.: 9-30).

SIGMUND, F. "A dissolução do complexo de Édipo", In _____ **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (pp.: 193-199).

SIGMUND, F. "A psicoterapia da histeria", In In _____ **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (pp.: 271-316).

SIGMUND, F. "O ego e o superego", In In _____ **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (pp.: 41-51).

SIGMUND, F. "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos", In _____ **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (pp.: 277-286).

SIGMUND, F. "Conferência XXXIII - Feminilidade", In _____ **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (pp.: 113-134).

SONTAG, S. "Na caverna de Platão", In _____ **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Ed. Arbor, 1981 (pp.: 03-24)

VIVIANI, A. L. "Lacan e o Édipo freudiano", In **Revista de psicanálise textura**, Higienópolis, 1985 (pp.: 01-11). Disponível em <http://www.revistatextura.com/leia/lacaneopdf> . Acesso em 01 de Novembro de 2011.